

#### EXPOSIÇÃO GANHA

Nos últimos meses, por meio da *Facebook* e do *crowdfunding*, o jornalista e poeta Ramon Mello lançou uma campanha para montar «Tudo Vai Ficar da Cor Que Você Quiser», com telas do romancista Rodrigo de Souza Leão (1965-2009), no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. A exposição está confirmada para dezembro. Bela iniciativa!

#### BRASILEIROS NO MUNDO

Galeno Amorim, presidente da Fundação Biblioteca Nacional, anunciou na Feira de Frankfurt algumas iniciativas relevantes para ampliar a presença de escritores brasileiros em editoras estrangeiras. Entre as melhores medidas, encontra-se a publicação trimestral de uma revista em espanhol e inglês para divulgar autores nacionais.

#### PORTINARI NAS BIBLIOTECAS

Enquanto alguns herdeiros dificultam a difusão das obras de que são responsáveis, João Cândido Portinari, filho do pintor Cândido Portinari (1903-1962) – um dos artistas brasileiros com maior projeção internacional –, vai distribuir 1400 exemplares do catálogo *raisonné* de seu pai. Que sirva de exemplo.

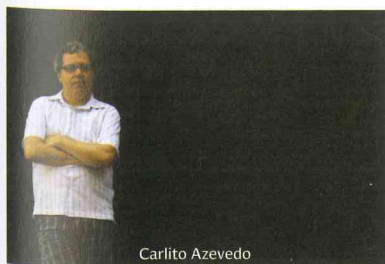
EDUARDO  
COELHO

## CARLITO ABRIU A POLÊMICA

Em entrevista à *Folha de S. Paulo* de 17 de setembro de 2011, Carlito Azevedo analisou a tendência de novas coleções de poesia no mercado editorial brasileiro como uma opção conservadora, «uma poesia drummondiana, de qualidade sim, mas não muito inovadora», «nada que vá desestabilizar sua majestade o leitor», fazendo referência ao investimento recente da Companhia das Letras em Ana Martins Marques, Fabrício Corsaletti e Zulmira Ribeiro Tavares, além dos já publicados, como Armando Freitas Filho, Eucanaã Ferraz e Paulo Henriques Brito. Para Carlito, «editar bem poesia no Brasil é editar antimercadoria».

Já na revista *Piauí* de 6 de outubro, Iumna Maria Simon, professora na Universidade de São Paulo, escreveu sobre «O que fizeram com a poesia brasileira», destacando Carlito Azevedo e Eucanaã Ferraz como dois modelos que explicitam o mau uso contemporâneo da tradição. Partindo de uma entrevista de Carlito ao *Jornal do Brasil* de 14 de dezembro de 1996, em que se declara «absolutamente tradicional», Simon lança suas críticas ao poeta de *Sublunar*. «Observe-se que a defesa [de Carlito] de um ultratradicionalismo é no mínimo caprichosa, se não for mais uma gaiatice (pois Carlito Azevedo gosta muito delas)».

Aprecio muito a poesia brasileira contemporânea. Está sendo difícil, no entanto, apreciar o que escrevem e falam sobre ela.



Carlito Azevedo

#### SYLVIO FRAGA NETO

## ACERTO DE CONTAS

*O poeta que se tornou «semigringo» no Brasil, depois de alguns anos nos Estados Unidos, regressa a «essa momentânea falta de raiz».*



© Pedro Laureiro

Sylvio Fraga Neto (n. 1986) conta-nos na pós-apresentação de seu livro de estreia que viveu boa parte de sua infância em Nova Jérsea e era conhecido na escola como «o brasileiro». Aos 13 anos voltou para o Rio de Janeiro com a família e tornou-se então um «semigringo». Para ele, *Entre Árvores*, lançado sob a chancela da editora Bem-te-Vi, «é um acerto de contas com essa momentânea falta de raiz».

Um dos primeiros poemas do livro é «Castagneto», que já revela grande habilidade de Fraga Neto para absorver a plasticidade de obras de arte ou da própria natureza. De certa maneira, muitas vezes parece haver em sua poesia um duplo movimento de percepção da natureza: aquela que se encontra limitada pela janela ou aquela que se encontra recortada e transfigurada pelos olhos e pincéis de um pintor. Não que sua poética fique limitada ao figurativo. Ao contrário, Sylvio Fraga Neto consegue extrair em diversos momentos

uma força abstrata de imagens figurativas. Chega a definir o «Poema como paisagem» como «um pequeno manual do abstrato». Por outro lado, muito mais do que a imagem em si, o que busca é retratar o estilo e a técnica: «Parece que a arte é rude / feito você, que pinta / como quem bate / e que bate / com o que tiver à mão. // Rude e rápido, / em caixa de charuto / ou dando nó na corda suja / de um cais qualquer» (conforme «Castagneto»).

Às vezes, como convém a uma poética complexa, existe um movimento que parte do abstrato e busca comparativos mais concretos, embora distantes de qualquer tendência à moda de João Cabral de Melo Neto, como nos versos «A rachadura não é só fresta, fratura exposta; / há rachadura inerte, que não se vê // quando servem frango, farinha» (de «A rachadura», um de seus melhores poemas).

Está aí mais um poeta de quem podemos esperar muito.